

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



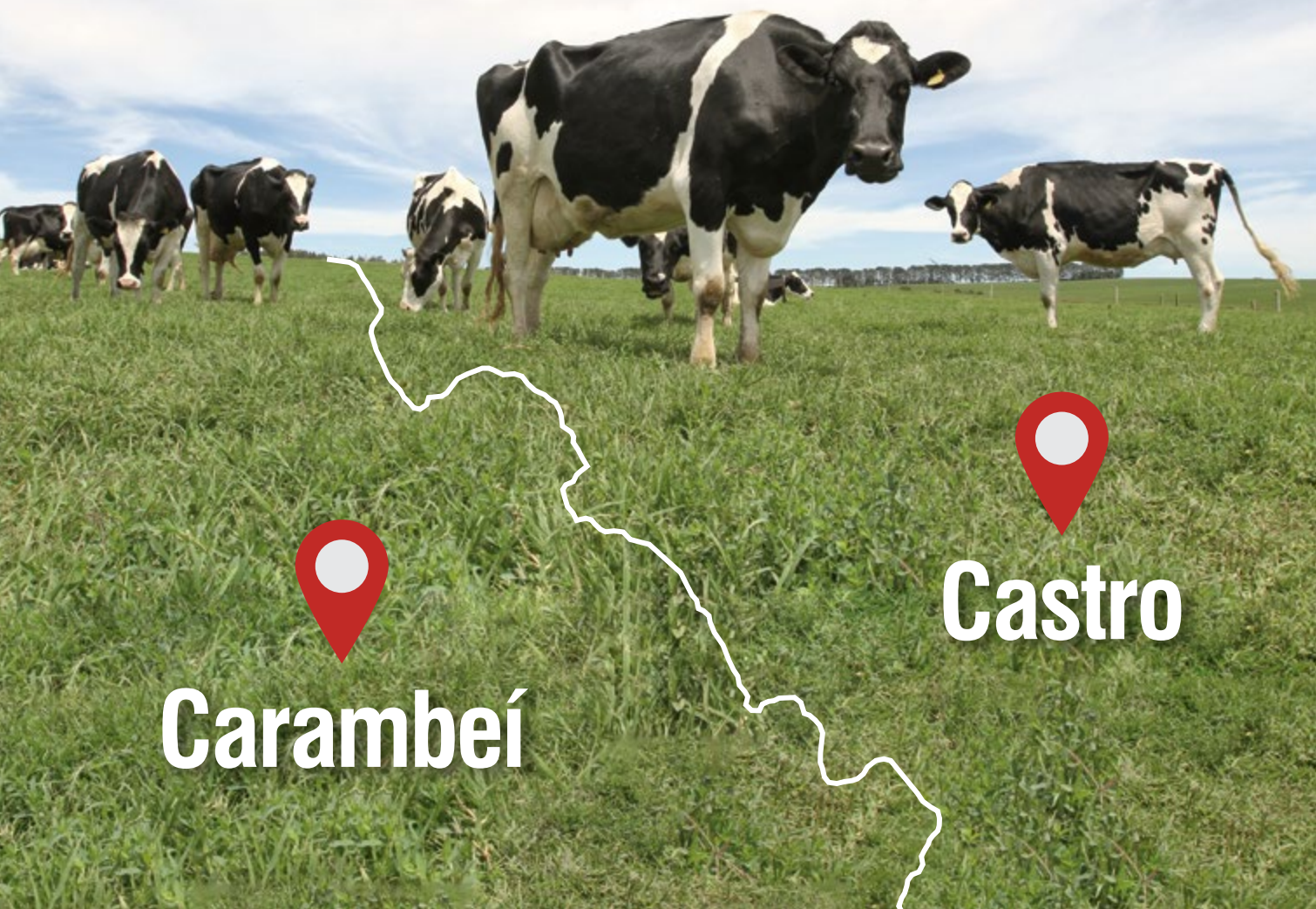
Ano XXXVI nº 1550 | 15/11/2021 a 28/11/2021

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

BOVINOCULTURA

METRÓPOLE DO LEITE

Paraná passa a contar com os dois maiores produtores de lácteos do país, resultado da profissionalização no campo e investimentos em genética e bem-estar animal



Carambeí

Castro

Aos leitores

Algumas cidades do Brasil automaticamente, ao serem citadas, remetem a algum símbolo. Por exemplo, falar do Rio de Janeiro é pensar no Cristo Redentor, Porto Alegre faz lembrar o churrasco, Florianópolis das praias, entre tantas outras relações. Quem é do meio rural, ao ouvir falar de Castro e Carambeí, nos Campos Gerais, inevitavelmente lembra de leite. Essa relação tem explicação. Os dois municípios são os maiores produtores de lácteos do país. Mais que isso, a dupla forma uma metrópole do leite que movimentada, além da própria atividade, inúmeros setores na região, de fábricas de ração a indústrias de máquinas agrícolas.

A matéria da capa desta edição traz um raio-x da atividade na região, desde a chegada dos imigrantes holandeses, responsáveis por tornarem os locais referências, até a profissionalização da produção, passando pelo bem-estar animal e investimento em genética. Ainda, esse trabalho de décadas que colocou Castro e Carambeí na primeira fila da produção nacional de leite tem participação do Sistema FAEP/SENAR-PR e dos sindicatos rurais locais. Afinal, os produtores rurais precisam de suporte e representatividade para o desenvolvimento.

E, diante do que é possível encontrar no campo e dos relatos de produtores que constam na matéria, a expectativa é de que essa metrópole ganhe novos municípios num futuro próximo. Afinal, outras cidades estão fazendo a tarefa de casa para, quando forem mencionadas, leite seja o símbolo lembrado.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendente Adjunto:** Carlos Augusto Albuquerque.

• BOLETIM INFORMATIVO

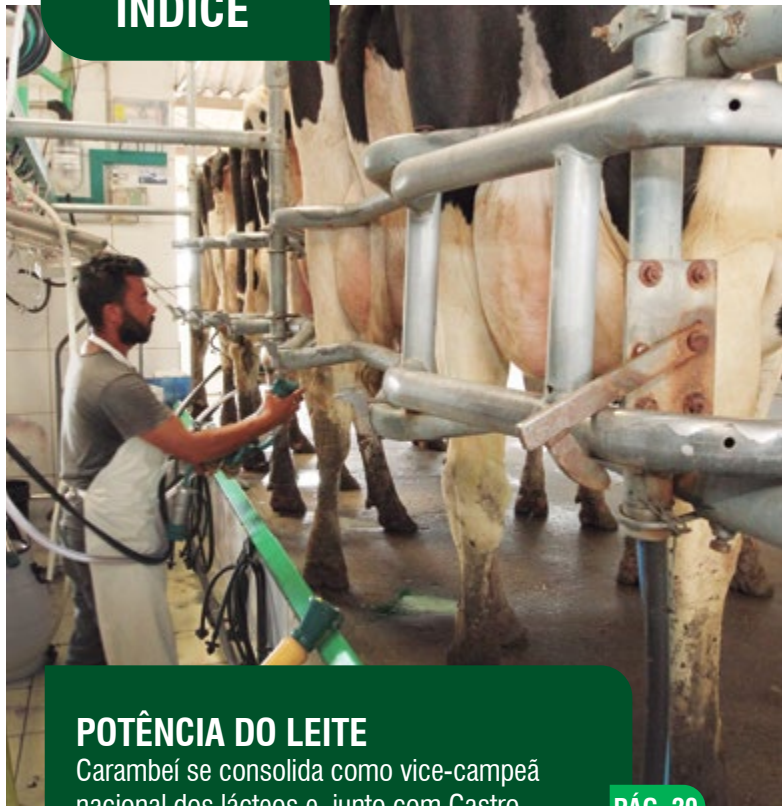
Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Colaboração:** Lucas Silva e Vivian Assunção | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1550:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



POTÊNCIA DO LEITE

Carambeí se consolida como vice-campeã nacional dos lácteos e, junto com Castro, forma uma metrópole do alimento

PÁG. 20

ALGODÃO

Trinta anos depois de estarem entre os maiores produtores do país, paranaenses ensaiam retomada da fibra

Pág. 6

ERVA-MATE

Produto biológico registrado no Ministério da Agricultura é o único disponível para o controle da broca-da-erva-mate

Pág. 10

DESTAQUE INTERNACIONAL

Seis paranaenses estão na lista das 100 mulheres mais poderosas do agro, da revista Forbes

Pág. 14

NICHO DE MERCADO

Laticínios apostam em derivados zero lactose para consumidores dispostos a pagar mais pelos produtos

Pág. 26

ENTREVISTA

Diretor comercial do TCP fala sobre a falta de contêineres no comércio marítimo mundial

Pág. 28

Alunos do AAJ arrecadam alimentos e promovem o plantio de mudas

Ação em Pato Branco reuniu 70 quilos de mantimentos e plantou 30 árvores como parte das atividades de uma turma do programa do Sistema FAEP/SENAR-PR

Um mutirão realizado pela instrutora Vandressa Mackievicz, do Sistema FAEP/SENAR-PR, e sete alunos de uma turma do programa Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ) resultou em 70 quilos de alimentos e no plantio de 30 árvores em Pato Branco, no Sudoeste do Paraná. Para isso, o grupo promoveu uma troca: doaram mantimentos e receberam mudas frutíferas cedidas pelo Instituto Água e Terra (IAT). Os alimentos foram destinados a famílias em situação de vulnerabilidade social. Já as jabuticabeiras, aceroleiras e outras espécies foram lançadas na terra com a promessa de que, em alguns anos, estarão frutificadas.

A turma que realizou o mutirão ocorreu dentro da empresa Granja Real, de produção de aves. Os adolescentes têm aulas sobre temas envolvendo o setor e participam de atividades práticas da companhia. O planejamento é que eles possam, no futuro, conquistar uma colocação profissional, tanto na própria organização como em outras que tenham atividades relacionadas.

Dentro das atividades previstas na formação, há a exigência de se promover projetos especiais. Esse das mudas e dos alimentos, especificamente, surgiu com a ideia de fazer uma comemoração ao Dia da Árvore (21 de setembro). Para ir além do clássico mutirão de plantio, os alunos se engajaram na proposta de reunir alimentos e trocar por mudas no IAT. “Eles tiveram também a ideia de criar um grupo no



Alunos do AAJ realizam ação contra a fome e a favor da natureza

Facebook para reunir as fotos, registrar a arrecadação de alimentos e também o plantio”, revela a instrutora.

Com a ação, Vandressa avalia que os participantes puderam exercitar valores como a empatia e o senso de importância da preservação do meio ambiente. “Houve uma participação intensa dos alunos. Mesmo com uma turma pequena, eles conseguiram reunir uma quantidade significativa de alimentos, ao mesmo tempo em que promoveram o plantio das mudas. Foi uma iniciativa que marca a formação desses estudantes”, prevê.

O aluno Guilherme Karp, de 16 anos, recebeu mudas de jabuticaba, amora e cereja, que plantou em um sítio na casa da avó, em Coronel Vivida – município a 35 quilômetros de distância. “Isso vai

ficar marcado na minha vida, pretendo levar esse aprendizado para frente. Fico feliz por ter participado, pois fizemos a nossa parte para contribuir com a preservação do planeta”, enfatiza.

AAJ

O Programa de Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ) é realizado em parceria com empresas do setor rural. Com conteúdos relacionados a valores rurais e conhecimentos técnicos da área, a formação prepara a nova geração do campo para o mercado de trabalho. Criado em 2010, desde então quase 1,5 mil jovens já concluíram o AAJ. Na média, cerca de 70% dos aprendizes acabam contratados ao final do programa.

Primeira ação da parceria SENAR-PR e IDR-Paraná foca a promoção social

Iniciativa envolvendo as duas entidades levou conhecimento a famílias do meio rural da região Oeste do Estado



Ação no município de Diamante do Oeste foi uma das dezenas realizadas pelo SENAR-PR e IDR-Paraná

Em novembro do ano passado, o SENAR-PR e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná) firmaram uma parceria, até 2023, para levar mais oportunidades para o desenvolvimento econômico e social do público rural. A proposta do termo de cooperação técnica assinado entre as duas entidades prevê a atuação conjunta em oito áreas: agroindústria, promoção social, agroecologia, energias renováveis, pecuária de leite, sustentabilidade, fruticultura e bovinocultura de corte.

A primeira ação desta parceria foi na área de promoção social e aconteceu na região Oeste do Estado ao longo de 2021. Foram realizadas sete turmas do curso “Família e qualidade de vida” nos municípios de Campo Bonito, Catanduvas, Diamante do Oeste, Lindoeste, Ramilândia, Três Barras do Paraná e Vera Cruz do Oeste. Esta formação trabalha temas como autoestima, relacionamento familiar, qualidade vida, entre outros.

Segundo a instrutora do SENAR-PR Eliana Scherbak, que ministrou esta primeira bateria de cursos, a formação foi adaptada para melhor atender a este público. “Primeiro nós

ouvimos o IDR-Paraná para entender as necessidades destas famílias, de modo a ir a campo e poder atender às suas demandas específicas”, relata. A proposta era que os participantes saíssem desta formação com estratégias claras para melhorar sua qualidade de vida.

Para a participante de Três Barras do Paraná Crislaine de Carvalho, o curso abriu novas perspectivas para ela e sua família. “A instrutora puxou assuntos interessantes como qualidade de vida do produtor rural, organização na propriedade, saúde da mulher. Foi um curso excelente”, afirmou.

Um dos resultados desta experiência foi a descoberta do SENAR-PR e dos seus mais de 300 títulos de cursos gratuitos. “Até então, eu não tinha conhecimento [dos cursos]. Acabei de terminar o curso em morango, que para nós foi essencial, pois estávamos quase desistindo da nossa produção”, confessa a produtora, que já mira as próximas capacitações que pretende fazer. “Tem um curso na área de nutrição das plantas que parece muito bom. Quero fazer”, adianta.



Campo Bonito



Catanduvas



Três Barras do Paraná



Lindoeste



Ramilândia



Vera Cruz do Oeste

Segundo a extensionista do IDR-Paraná da região de Catanduvas, Stela Silva Testo, o público destes cursos é formado essencialmente por pessoas assistidas por programas do governo do Estado, como Nossa Gente Paraná, Inclusão Produtiva Solidária e Renda Agricultor Familiar.

De acordo com Stela, antes de ser levado a campo nesta parceria, o curso primeiro foi apresentado aos técnicos do IDR-Paraná, de forma virtual, para que fossem feitos os apontamentos e ajustes para ser realizado o direcionamento ao seu público final. Na sua visão, a formação oferecida pelo SENAR-PR tem papel complementar ao conhecimento levado a este público pelo órgão. “Acredito que para a maioria foi um curso diferente daqueles que IDR-Paraná costuma levar, que trabalha com questões mais técnicas. Nessa iniciativa houve fortalecimento dos vínculos, as participantes [em sua maioria mulheres] puderam falar abertamente, tirar dúvidas, se identificar uma com o problema da outra”, afirma.

Segundo o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, a ideia é utilizar a capilaridade do IDR-Paraná para “espalhar” as informações. “O SENAR-PR possui um catálogo vasto, que pode atender a diferentes realidades do meio rural, desde o produtor que está começando, até aquele que já tem algum conhecimento e pretende se aperfeiçoar. Isso sem falar das formações na área de promoção social, que levam as pessoas a refletirem sobre suas potencialidades”, afirma.

Os próximos passos dessa iniciativa são avaliar os processos executados até agora e expandi-los para as demais regiões do Estado no ano que vem. “A exclusão que estamos combatendo não é apenas financeira. Temos que acolher essas famílias em situação de vulnerabilidade para que elas saibam que existem instituições como o SENAR-PR que podem apoiá-las”, finaliza Meneguette.



Algodão ensaia retorno ao Paraná

Cultura apresenta boa rentabilidade econômica e traz benefícios agronômicos na rotação de culturas

Por André Amorim

No final do primeiro semestre deste ano, o produtor e engenheiro agrônomo Leandro Yuji Izu, de Assaí, na região Norte do Paraná, abriu, junto a um sócio, uma empresa de consultoria voltada para agricultores que tenham interesse em cultivar algodão. A empresa surge 30 anos depois do auge da cultura no Estado, em um novo contexto. No passado, o Paraná chegou a ser o maior produtor nacional da fibra. Mas, no início da década de 1990, a voracidade do bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*) e problemas de ordem climática levaram os cotonicultores a trocarem a pluma pela soja, que começava a se firmar nas lavouras paranaenses.

Com a tecnologia de cultivares mais consolidada e o bicudo sob controle, a pluma ensaia seu retorno ao Paraná, mesmo que ainda de maneira tímida. De acordo com a Associação Brasilei-

ra de Produtores de Algodão (Abrapa), na safra 2018/19 foram plantados 700 hectares no Estado. Na safra seguinte, 2019/20, essa área passou para 1,2 mil hectares e, no último ciclo (2020/21) reduziu para 800 hectares. Essa inflexão tem explicação no mercado internacional, no qual as cotações da soja e do milho se mostram bastante atrativas.

“O momento é excepcional para grãos. Ano passado a soja ocupou mais área, mas conforme a safra avançou, o preço do algodão também subiu”, observa o presidente da Associação dos Cotonicultores Paranaenses (Acopar), Almir Montecelli.

Não apenas subiu, como ficou acima das culturas concorrentes. De acordo com o levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), vinculado à Esalq/USP, nos últimos dois anos o preço da arroba

da pluma de algodão mais do que dobrou, passando de R\$ 83,06 em outubro de 2019 para R\$ 172 em setembro de 2021. Para efeito de comparação, durante o mesmo período o preço da saca de soja passou de R\$ 88,25 para R\$ 172,02, registrando variação menor em relação ao algodão.

Ainda segundo informe técnico da Acopar, o desempenho do algodão na safra 2020/21 em relação à de soja mostra que a rentabilidade do primeiro foi maior. “O algodão caracterizado como plantio safra normal, como cultura de verão, resultou em rentabilidade de R\$ 17,4 mil [por alqueire] na média de 11 lavouras [acompanhadas pela entidade]. Porém, o resultado foi muito maior considerando as quatro lavouras mais produtivas. Nestes casos, a margem líquida subiu para R\$ 25,5 mil”, aponta o documento.

Produtividade

Essas cifras ainda podem melhorar. Isso porque a produtividade média do algodão paranaense está abaixo de outros Estados produtores. “O Paraná tem colhido uma média de 206 arrobas/hectare. No Brasil, 290 arrobas/hectare é o mínimo que se admite”, diz o dirigente da Acopar.

A explicação está no custo de produção inferior no Paraná em relação ao resto do Brasil. “Aqui o custo de implantação da cultura é menor. Fazemos zero aplicação de fungicida, enquanto no restante do país são de sete para cima”, diz Montecelli. Desta forma, implantar uma lavoura em solo paranaense custa entre R\$ 12 mil a R\$ 14 mil/hectare, enquanto praticamente dobra, algo em torno de R\$ 25 mil/hectare, em outros lugares.

Além disso, de acordo com a Acopar, a média de aplicações de inseticidas no Paraná é de 11,7, sendo cinco somente contra o bicudo. Na região do Cerrado brasileiro, onde há grande produção da pluma, esse número passa de 24 aplicações, sendo 19 somente para controle da praga.

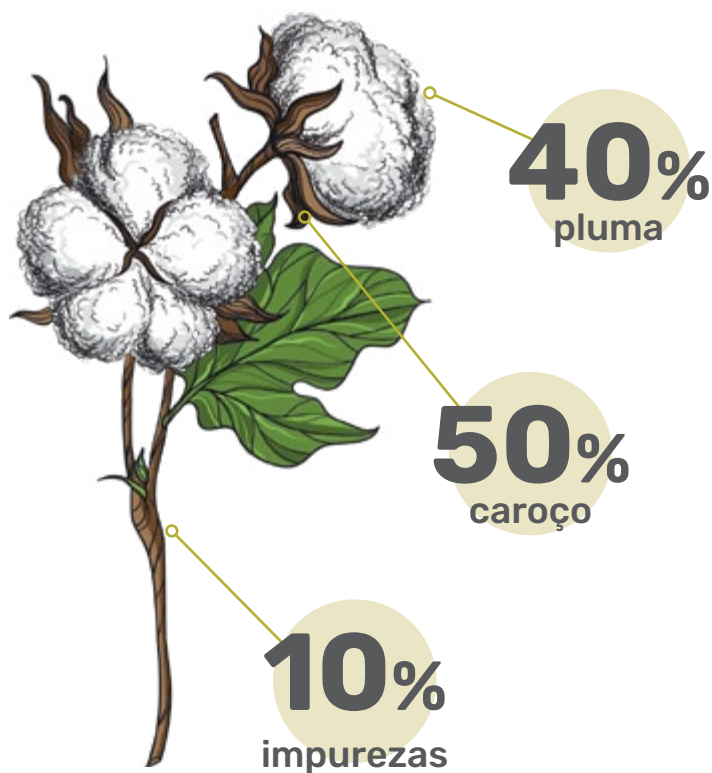
Outra vantagem do algodão paranaense, segundo Montecelli, é que as nossas lavouras são as primeiras a serem colhidas. “Então sempre tem mercado e preço bom”, sentença.

Aliado do solo

O algodão traz vantagens quando utilizado na rotação com outras culturas, como a soja e o milho, interrompendo ciclo de pragas e doenças na lavoura e otimizando a absorção de nutrientes. Na empresa de consultoria de Izu, esse é um dos maiores chamarizes para novos cotonicultores. “Estamos tentando mudar a cabeça do produtor para ele incluir essa rotação, inculir no pensamento dele a importância de corrigir o solo. Uma das maiores propagandas da nossa empresa é a rotação do algodão”, afirma.

Izu prega aquilo que faz. Na última safra verão, ele rotacionou soja, algodão e milho. Neste ano, o produtor obteve rentabilidade de R\$ 29 mil/hectare com as lavouras de algodão, R\$ 8,7 mil com o milho e R\$ 6,2 mil com a soja. “Foi o melhor verão desde que eu voltei do Cerrado para o Paraná em 2017”, comemora.

O peso do algodão se distribui da seguinte maneira



Pluma valorizada



Preço da @ do algodão em pluma:

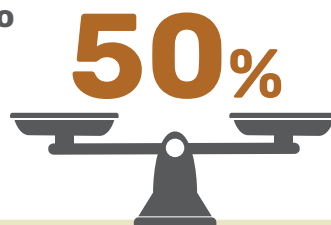
Julho/2020

Setembro /2021

R\$ 158

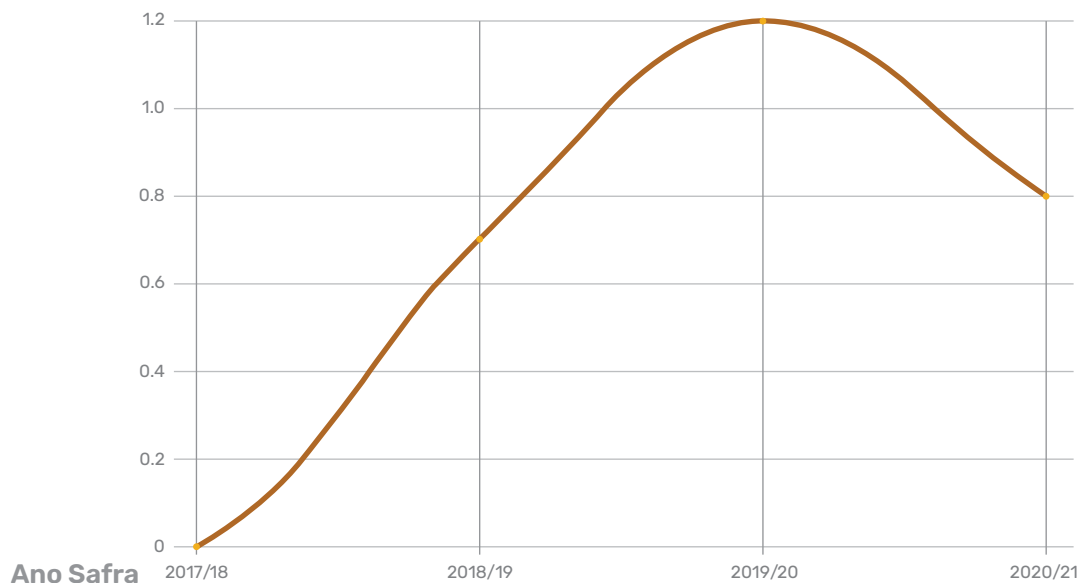
R\$ 176

Variação de preço



é a variação de preço da pluma de acordo com a **qualidade e conforme a destinação** (produção de jeans, camisas, fios, etc.) **Todo o algodão é aproveitado.**

Evolução da área ocupada pelo algodão no Paraná (em mil hectares)



Fonte: Abrapa



Versátil, cultura precisa ganhar escala no Paraná

O algodão tem dois produtos: a pluma, destinada principalmente à confecção de fios e tecidos, e o caroço, utilizado como alimentação animal e pode ser transformado em óleo. No cenário atual, em que os custos de produção de ração acompanharam a valorização expressiva das *commodities* agrícolas como soja e milho, esse insumo também se valorizou.

“Houve uma boa valorização [do caroço]. No primeiro contrato que fizemos com a beneficiadora de São Paulo, não estávamos preocupados com isso. O caroço pagava o beneficiamento e sobrava”, aponta o produtor e presidente do Sindicato Rural de Cambará (Norte Pioneiro), Aristeu Sakamoto.

Até o ano retrasado, a beneficiadora paulista ficava com o caroço em troca do serviço. Porém, no ano passado, metade do caroço pagava o beneficiamento. No final de setembro deste ano, a tonelada do caroço de algodão era comercializada nas praças paulistas acima de R\$ 2 mil. “Praticamente dobrou de valor”, observa Sakamoto.

Um “amante do algodão”, como ele mesmo se define, o dirigente sindical viveu a primeira fase da cultura no Pa-

raná, há 30 anos. Sobre o momento atual, ele recomenda cautela. “A ideia de retorno do algodão tem que fazer com pé no chão. Hoje temos parceria com Instituto Brasileiro do Algodão e a Acopar, que foram buscar parceria com o pessoal do antigo Iapar, para assistência técnica, e também da Embrapa. Estamos bem assessorados, ampliando a rede de assistência técnica. Acho que esse trabalho vai aos poucos crescendo e criando mais oportunidades para as cooperativas se interessarem pela cultura. Mas vamos com calma, ainda tem alguns gargalos a serem resolvidos”, observa Sakamoto.

Dentre os gargalos que precisam ser superados está a ausência de indústria beneficiadora em território paranaense. Na última safra, toda a produção do Estado foi encaminhada a uma descarçadora em São Paulo.

Na visão do presidente da Acopar, Almir Montecelli, o caminho para solucionar essa questão seria aumentar a produção dentro do Estado, de modo que viabilizasse a existência de uma indústria de beneficiamento em solo paranaense. Para atingir esse objetivo, uma das estratégias da entidade é fomentar o cultivo por meio de assistência técnica. “Hoje temos 10 unidades demonstrativas voltadas a produtores e técnicos interessados em conhecer a cultura”, afirma. Na opinião do dirigente uma área de 20 mil hectares seria suficiente para abastecer o Estado.

Drones juntam ar e terra para gerar dados sobre solo

Em Ponta Grossa, sobrevoos ocorrem desde a fase prévia de definição da área de estudo até o acompanhamento periódico de megaparcelsas

Pode soar estranho em uma primeira vista, mas vem do ar um dos mais importantes aliados da captação de informações para a realização de estudos sobre conservação de solos, na fazenda-escola da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), nos Campos Gerais. Os drones são cruciais aos pesquisadores do subprojeto “Modelos para diagnóstico de processos erosivos em solos agrícolas”. Nos últimos anos, dados relevantes têm sido coletados sistematicamente em sobrevoos feitos desde antes da definição do local para a instalação das chamadas megaparcelsas (áreas delimitadas para o estudo) até o monitoramento periódico de resultados.

O subprojeto com os drones faz parte de um estudo maior, chamado “Monitoramento Hidrossedimentológico em Microbacia Hidrográfica e Encosta no Alto Rio Tibagi, Paraná”. Este, por sua vez, integra a Rede de AgroPesquisa e Formação Aplicada Paraná (Rede AgroParaná), aplicado em Ponta Grossa e em outras cinco mesorregiões do Estado, que conta com o apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR. A ideia com esses estudos é reunir dados que possam ajudar a definir critérios técnicos adequados e boas práticas para manejo de solo e da água em áreas agrícolas.

Selma Regina Aranha Ribeiro, coordenadora do subprojeto que envolve as aeronaves na área experimental da UEPG, lembra que o trabalho começou com um voo de reconhecimento. Já nessa fase a coleta de dados promoveu uma alteração sobre a localização exata onde seriam feitas as ve-

rificações. “Os dois primeiros voos foram feitos anteriormente a qualquer trabalho e permitiu perceber que a área inicialmente destinada aos trabalhos não tinha a possibilidade de receber a instalação de todos os equipamentos necessários”, relembra.

A pesquisadora aponta que os drones abrem possibilidades de coleta de dados e também facilitam o trabalho de captar informações a campo. Um exemplo é o fato de que, com a diferença na coloração do capim na fazenda escola, foi possível perceber que na área destinada inicialmente para a pesquisa havia troncos usados em um trabalho anterior de retenção do solo. “Eram troncos de eucalipto enormes de oito metros de comprimento, para fazer uma barreira física para não ter escoamen-

to. Essa área não foi usada por essa intervenção anterior”, revelou.

Selma pontua que o subprojeto da rede realiza o monitoramento das áreas do estudo e gera modelos usando imagens de sensoriamento remoto e GNSS (*Global Navigation Satellite System*). Esses modelos foram gerados antes e depois da instalação dos terraços em uma das megaparcelsas. Ao longo de 2018, 2019 e 2020, fotografias aéreas resultaram em imagens pós-processadas, que têm fornecido as chamadas ortofotografias, com as quais se torna possível obter Modelos Digitais de Elevação (MDE), Modelos Digitais de Terreno (MDT), curvas de nível, declividades, direção da encosta em relação ao norte e índices topográficos.



Uma das imagens captadas usando o drone na área de pesquisa



Combate à broca deve ser feito com produto biológico

Também conhecido como besouro corintiano, principal praga da cultura, pode causar morte dos ervais. Novembro é época de controle

Por Bruna Fioroni

Novembro é época de iniciar o controle da broca-da-erva-mate, principal praga da cultura, devido ao alto potencial de dano às plantas e prejuízo econômico aos produtores. As fêmeas do besouro *Hedypathes betulinus* depositam seus ovos sob as cascas dos ramos e dentro do tronco da erva-mate, que é danificada pela ação das larvas do inseto.

“É uma praga silenciosa, que ataca a planta por dentro, causando danos mais severos. Está atingindo quase 100% dos ervais. Em novembro, o inseto sai do tronco para fazer o acasalamento. Por isso é o período ideal para controle, pois o inseto fica visível no erval e pode ser contaminado pelo produto com mais facilidade”, explica Bruno Vizioli, técnico do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Desde 2010, o controle da broca-da-erva-mate pode ser realizado com o uso de um produto biológico desenvolvido pela Embrapa Florestas. O bioinseticida contém esporos do fungo *Beauveria bassiana* como ingrediente ativo, que provocam a morte dos insetos, e óleo vegetal, que ajuda na adesão do produto à cutícula do inseto para aumentar sua eficiência. É o único produto destinado ao controle da praga na erva-mate registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

“O produto foi desenvolvido à base de uma cepa isolada do fungo para combater especificamente a broca-da-erva-mate. Além de não agredir o meio ambiente, possui alta eficiência a campo, transmissão por contato e efeito cumulativo. Os besouros acometidos pelo fungo o transmitem para outros in-



R\$ 750 mi

Este é o Valor Bruto de Produção (VBP) agropecuário movimentado com o cultivo de erva-mate no Paraná

setos e a tendência é que a população seja reduzida ao longo dos anos”, destaca a pesquisadora da Embrapa Florestas, Susete Chiarello, responsável pelo desenvolvimento do produto.

A penetração dos esporos do fungo ocorre principalmente nos pontos frágeis do corpo do inseto, causando sua morte após 20 a 30 dias. Quando contaminado, o corpo do inseto fica coberto pelo fungo, causando uma aparência esbranquiçada. É nesta fase que eles passam a transmitir o fungo para insetos saudáveis, aumentando o controle do inseto.

Segundo a pesquisadora da Embrapa Florestas, estudos comprovam eficiência de até 70% no uso do produto em campo. Cerca de quatro meses após a aplicação, o inseticida permanece ativo no tronco da erva-mate, com capacidade de atingir ainda 50% das pragas.

O produto desenvolvido à base do fungo não possui aditivos químicos e, por isso, não agride o meio ambiente. Ainda, os esporos utilizados na composição atacam apenas a broca-da-erva-mate, não oferecendo riscos a outros animais e seres humanos e evitando qualquer tipo de contaminação.

Ação conjunta

O produtor de erva-mate **Naldo Vaz**, de Bituruna, na região Centro-Sul do Estado, reforça a importância da mobilização dos produtores para que o combate à praga seja realmente efetivo. “Desde 2015, faço o controle com o produto biológico na minha propriedade e tive uma redução de praticamente 98% dos ataques dos besouros. Sigo a programação das aplicações e as orientações técnicas, mas enquanto todos os produtores de erva-mate não fizerem o mesmo, não adianta”, aponta.

O ervateiro, que também é presidente da Associação Biturunense da Erva-Mate (Abem) e do Conselho Gestor da Erva-Mate do Vale do Iguaçu (Cogemate), conta que estão investindo em um trabalho de conscientização nas entidades, em parceria com a Embrapa Florestas. “Nós fazemos uma campanha anual com os nossos associados e outros produtores, tentando disseminar a informação o máximo possível, pois percebemos a falta de conhecimento sobre as medidas de controle da broca, principalmente com o uso do produto”, relata Vaz. “O produtor sabe do problema. Se todo mundo fizer a lição de casa, a necessidade de aplicação de produto será cada vez menor e o custo vai diminuir”, alerta.

A catação manual e uso de aves ainda são alternativas utilizadas para controle da praga. Porém, feitas de maneira isolada, possuem baixa eficácia. Segundo Susete Chiarello, da Embrapa Florestas, os produtores podem continuar realizando tais medidas nos meses de aparecimento dos insetos adultos, desde que combinadas a outras ações.



“Se todo mundo fizer a lição de casa, a necessidade de aplicação de produto será cada vez menor e o custo vai diminuir”

Naldo Vaz, produtor e presidente do Cogemate

Recomendações

Para que o produto atinja sua eficácia completa no combate à broca-da-erva-mate é importante que o produtor siga as instruções indicadas na bula. Por exemplo, recomenda-se fazer a aplicação na região abaixo da folhagem do tronco da erva, local onde a fêmea do besouro caminha para fazer a postura dos ovos, impedindo a reprodução dos insetos. Com isso, também se evita desperdício de produto e que outros insetos benéficos sejam atingidos.

Outra recomendação é fazer a aplicação nas horas mais frescas do dia, preferencialmente no final da tarde, pois o fungo permanece ativo por mais tempo e a incidência solar pode reduzir a eficácia do produto. O bioinseticida também não deve ser aplicado em dias chuvosos ou com probabilidade de chuva.

A aplicação deve ser feita de forma com que o produto forme uma névoa que cubra toda a região e não escorra. Mesmo

sendo um produto biológico, o produtor e/ou trabalhador rural deve usar Equipamento de Proteção Individual (EPI) e fazer a limpeza adequada dos utensílios utilizados.

Após a aplicação, deve-se evitar a prática de limpeza mecânica ou química entre as linhas do erval, deixando uma cobertura verde, para propiciar condições ideais para o desenvolvimento e persistência do fungo.

Quanto à realização da poda, a indicação é manter de 25% a 30% de folhas em cada planta para favorecer a ação do fungo e contribuir para a eficiência do controle, além de evitar o estresse na planta.

O produto deve ser aplicado duas vezes por ano, novembro e fevereiro, e pode ser encontrado em casas agropecuárias. “Novembro é o mês de maior urgência para o controle pois é o momento de evitar a reprodução da broca. Já fevereiro, é um pouco antes do período em que as fêmeas começam a fazer a postura”, observa Susete.

Ataque pode causar a morte das árvores

As larvas da broca-da-erva-mate constroem galerias no tronco que impedem a circulação normal da seiva, prejudicando o desenvolvimento e resultando no broqueamento das plantas. A planta fica debilitada e perde produtividade, ocorrendo seca de galhos e perda de folhas. Quando o ataque é muito intenso, pode causar a morte das árvores.

Durante o processo de broqueamento, a larva faz um orifício no tronco e a serragem é expelida para fora da planta, o que denuncia a presença da praga. O inseto adulto é um besouro que mede, aproximadamente, 2,5 centímetros, com o corpo de coloração preta e partes cobertas por pelos brancos – por isso é popularmente conhecido como besouro corintiano. Estão presentes nos ervais, em maior número, entre os meses de novembro e abril. Segundo a Embrapa Florestas, é possível encontrar até 50 mil adultos em uma área.



Setor ervateiro do PR investe em tecnologia e exportações

O Paraná é o maior produtor de erva-mate do Brasil. Na última década, registrou crescimento de 2% ao ano, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab). Em 2020, a cultura paranaense ultrapassou R\$ 750 milhões em Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP). Apesar dos números positivos, ainda existe potencial para o setor alcançar novos patamares em produtividade e qualidade do produto.

Segundo Ives Goulart, pesquisador da Embrapa Florestas, por ser uma cultura nativa da região Sul, cuja colheita extrativista perdurou por muitos anos, o setor não apresenta alto nível de aporte tecnológico em comparação com outras culturas. “Implantar tecnologia não se refere somente a insumos caríssimos e equipamentos de última geração. O Paraná está despertando para essa questão, tanto que nos últimos anos, houve bastante organização do setor e várias iniciativas surgiram”, aponta.

Na Embrapa Florestas, a necessidade de organizar tecnologias voltadas para a erva-mate em um sistema de produção culminou no Sistema Erva 20, um conjunto de práticas em ervais plantados que visam o aumento da eficiência produtiva e sustentabilidade da cultura.

“Quanto mais capacitação e assistência técnica disponíveis, maior será o nível tecnológico desses produtores, resultando em mais qualidade e produtividade. O SENAR-PR, um dos nossos parceiros, é fundamental nesse processo de capilarização das tecnologias e cria um ambiente propício à inovação no âmbito das propriedades. Isso vai se refletir em resultados concretos nos próximos cinco anos”, avalia Goulart, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do Erva 20.

Segundo o pesquisador, produtores que adotam as oito principais tecnologias apresentadas pelo Sistema Erva 20 têm produtividade pelo menos três vezes maior que a média nacional. “É um processo contínuo, lento e gradual, mas calcado em bases científicas, e que vai ao encontro da missão da Embrapa no desenvolvimento de tecnologias”, afirma.

Na opinião do produtor Naldo Vaz, é possível observar o aumento da procura por capacitação técnica e melhoria na gestão das propriedades. Na Associação Biturunense da Erva Mate (Abem), onde ocupa o cargo de presidente, o Erva 20 já é conhecido entre os produtores e, segundo Vaz, a busca por informação não para. “O interesse do produtor por inovação está aumentando. O trabalho do SENAR-PR está ótimo, com cursos sensacionais e com uma frequência que não acontecia antigamente”, complementa.

O impacto ambiental também é uma das preocupações do setor. Ou seja, a adoção de tecnologias e o aumento da produtividade devem acompanhar a sustentabilidade. Além de beneficiar o cultivo da erva-mate, o fator ambiental aumenta o valor agregado do produto, principalmente para exportações.

“A erva-mate paranaense é um produto especial no mercado e existe por causa desse ecossistema que nós mantemos. Aos poucos, o Brasil está aumentando sua participação no



mercado internacional. Muitas marcas têm apostado em linhas de bebidas e produtos com erva-mate, principalmente por suas propriedades estimulantes, o que vem sendo uma alternativa aos outros produtos com cafeína. As perspectivas são boas. É hora de aproveitar essa demanda”, constata.

O produtor **Nei Kukla**, de União da Vitória, na região Sudeste, ratifica o potencial da erva-mate paranaense nas vendas para o exterior. Além de produtor, Kukla atua como engenheiro agrônomo em uma agroindústria que fica localizada no município de Cruz Machado. Com capacidade de processamento de 2 mil toneladas de erva-mate por ano, cerca de 90% da produção da agroindústria é destinada para exportação.

“O produto paranaense possui um padrão de qualidade diferente. Além da qualidade superior, nós ainda conseguimos agregar valor ao nosso produto por ser de produção orgânica e sustentável. Além do selo de orgânicos, temos o selo *Fair for Life*, uma certificação de comércio justo. Esse é o diferencial do setor: produção economicamente viável com responsabilidade socioambiental”, finaliza.



Mulheres de Castro despontam nacionalmente

Dos 100 nomes divulgados pela revista Forbes sobre representação feminina no campo, seis são paranaenses

Por Bruna Fioroni

O Censo Agropecuário de 2017, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificou 947 mil mulheres responsáveis pela gestão de negócios rurais, de um total de 5,07 milhões, o que corresponde a 19%. Apesar de a participação feminina ainda ser tímida em números, a coragem e a força das mulheres em desbravar esse ambiente são significativas. Uma pesquisa conduzida pelo Agroligadas, um movimento independente de mulheres do agro, revelou que 93% se sentem orgulhosas pela atividade que desempenham no campo. Ainda, 97% estão felizes com o trabalho, 77% notam que suas habilidades e conhecimentos são reconhecidos, 72% são ouvidas e 68% sentem-se livres para tomar decisões.

O reconhecimento da atuação feminina no campo já desponta em diversos âmbitos. Recentemente, a revista Forbes divulgou a sua primeira lista “100 Mulheres Poderosas do Agro”, com nomes que se destacam em diferentes áreas do

agronegócio e que representam um movimento de mudança no campo. Neste grupo, seis nomes são de origem paranaense. Na sequência e nas próximas edições do Boletim Informativo, vamos contar as histórias destas superpoderosas do agro.

Ana Carla de Oliveira Bueno – Castro

Suinocultora em Castro, nos Campos Gerais, Ana Carla, 37 anos, começou sua história com o agro faz pouco tempo, em meados de 2018. Nascida e criada na cidade, ela trabalhava em um comércio de veículos em Carambeí, junto com o esposo, enquanto ele, paralelamente, mantinha um pedaço de terra com gado de corte. “Era uma propriedade pequena, mas tinha caído bastante o preço na época e não havia muita produção. Pensamos em mudar para algo diferente com mais rentabilidade”, conta.



Foi quando o esposo trocou as terras e decidiu investir em uma granja de suínos. Como ele mantinha os negócios na cidade, sugeriu que Ana Carla cuidasse da propriedade. No início, funcionários eram encarregados das atividades e Ana Carla apenas supervisionava, mesmo com as dificuldades em entender o que estava sendo feito por falta de conhecimento. “Não tinha noção do tamanho da responsabilidade de estar à frente da atividade”, relata.

Após dois anos, Ana Carla sentiu o “chamado” para estar mais presente e realmente assumir os negócios. Em março de 2020, no início da pandemia, decidiu passar uma semana na propriedade para acompanhar de perto a rotina, e ali permaneceu. Saiu da cidade e se mudou para o campo, junto com os dois filhos, de 12 e 14 anos. O marido foi alguns dias depois, mas até hoje, mantém uma rotina de bate-e-volta para cuidar do comércio em Carambeí.

“Logo quando adquirimos a nova propriedade, eu criei um grupo de mulheres que trabalham com suinocultura para a troca de experiências. Como eu não estava no ramo, eu precisava de ajuda. Eu achava que seríamos poucas, mas acabei encontrando muitas mulheres. Elas me ajudaram bastante a entender e a superar as dificuldades”, compartilha Ana Carla.

O grupo Mulheres da Suinocultura surgiu no *WhatsApp*, em parceria com duas amigas. A iniciativa, então, começou a crescer, consolidando-se como uma das primeiras desse setor. Atualmente são 137 participantes no aplicativo de troca de mensagens, mas o grupo já se estendeu para outras redes sociais, como o *Facebook*, com mais de 1,5 mil curtidas, e *Instagram*, com mais de 3,4 mil seguidores.

No *WhatsApp*, o grupo também já ultrapassou as fronteiras paranaenses, e reúne suinocultoras de Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Sergipe, Pernambuco, Rio de Janeiro e Goiás. Elas trocam experiências sobre o dia a dia na granja, técnicas de manejo, dicas e outras informações sobre suinocultura. Além, é claro, de ser um grupo para fortalecer o protagonismo feminino na atividade.

Segundo Ana Clara, o crescimento do coletivo foi orgânico. “As redes sociais ajudaram, mas muito foi no boca a boca. As próprias mulheres indicaram umas para as outras, as empresas integradoras também divulgaram para melhorar a comunicação”, afirma. Entre as participantes, além de produtoras integradas, cooperadas e independentes, estão presentes técnicas, veterinárias, zootecnistas e outras profissionais da área.

Sobre os desafios de ser uma mulher atuando na suinocultura, Ana Carla revela que se deparou com alguns episódios de preconceito e desconfiança, em que precisou se impor para ter suas opiniões e vontades respeitadas, principalmente na condução da propriedade.

“A gente não pode focar muito nos desafios porque você acaba se desanimando. Se tem um objetivo, tem que olhar para frente”, aconselha.

Hoje, Ana Clara conduz uma granja com 950 suínos em terminação. As expectativas são de crescimento. A produtora, que não tem formação na área, quer voltar a estudar e investir em capacitação. “Fico lisonjeada com o reconhecimento. Quero manter esse exemplo positivo. Sei que ainda tenho muito a aprender”, conclui.



Débora Pilatti Noordegraaf – Castro

Com 50 anos, Débora Noordegraaf é coordenadora da Comissão Mulher Cooperativista da Castrolanda, um dos mais antigos grupos de mulheres cooperativistas. Além do cargo, a suinocultora conduz duas granjas com 6 mil animais em terminação. Mas, apesar do seu total envolvimento no setor e na atividade, Débora começou “do nada”, indo atrás de conhecimento e formação técnica para começar a trabalhar no campo.

Sem nenhuma ligação prévia com o agro, Débora foi morar na Castrolanda em 1994, quando se casou com um descendente de holandeses e cooperado.

Em meados de 2010, seu esposo decidiu ampliar a propriedade no ramo da suinocultura e passou a atividade aos cuidados de Débora. Para se especializar, ela participou de um curso de gestão de propriedade em suinocultura.

“Foi um desafio em dois aspectos: primeiro porque eu, até então, não entendia nada de suinocultura; segundo que, no curso, era uma turma de 40 pessoas e só duas mulheres. Posso dizer que batemos de frente com o preconceito. Eu sentia que precisava mostrar o dobro para ter o mesmo reconhecimento. Me dediquei muito para aprender e colocar em prática o meu melhor”, relata.

No mesmo período, surgiu a oportunidade de participar do Programa Mulher Atual, pontapé inicial para a criação da Comissão Mulher Cooperativista. “Foi um divisor de águas”, comenta Débora. O programa do Sistema FAEP/SENAR-PR foi a primeira capacitação destinada às mulheres da cooperativa. Cerca de 20 participantes se reuniram para a formação. Destas, seis mulheres – incluindo Débora –, retornaram à cooperativa após a conclusão do curso e passaram a estar mais presentes.

Nesse meio tempo, esse mesmo grupo de mulheres participou do Programa de Desenvolvimento de Liderança (PDL),

onde no qual surgiu a ideia de criar um grupo que representasse o restante das mulheres na cooperativa. Foi então, há 12 anos, que a Comissão Mulher Cooperativista da Castrolanda começou a dar os seus primeiros passos. “No início éramos apenas um grupo de voluntárias tentando ajudar outras mulheres”, afirma.

O grupo começou a se desenvolver e, aos poucos, participar da cooperativa. Até que, em 2018, a Comissão foi oficialmente reconhecida, com criação de estatuto e eleição de chapa com sete integrantes.

“Quando tivemos esse reconhecimento da chapa eleita, a cooperativa percebeu a importância do nosso trabalho. Fomos, então, convidadas a contribuir com o planejamento estratégico da cooperativa, algo inédito para um grupo de mulheres”, relembra.

Para Débora, o reconhecimento do trabalho da Comissão foi inesperado, mas, principalmente, gratificante. No início da pandemia, o grupo encarou o desafio de se reestruturar para melhor atender as mulheres no cenário de distanciamento social e eventos *online*.

O lançamento de uma série de vídeos com produtoras de diferentes atividades agropecuárias fez grande sucesso nas redes sociais, sendo reconhecido e compartilhado pela Organização das Cooperativas do Brasil (OCB). A partir daí, veio a indicação do grupo como *case* de sucesso em um evento de Embaixadoras do Cooperativismo e o nome de Débora na lista da Forbes.

“Na hora a minha reação foi chorar”, comenta Débora, emocionada. “Ficamos muito felizes com o reconhecimento em nível nacional. Não imaginávamos essa repercussão quando começamos. Recebemos muitas críticas, muitos ‘nãos’, mas hoje vemos a relevância e a responsabilidade que nós temos como comissão, porque nosso trabalho começou a servir de espelho para o Brasil inteiro, graças àquelas seis mulheres que, lá atrás, não desistiram”, finaliza.

Ex-aluna do JAA conquista autonomia nos negócios da família

Desde 2020, Flávia Ruffo Serraldo trabalha na propriedade rural, com participação nos lucros

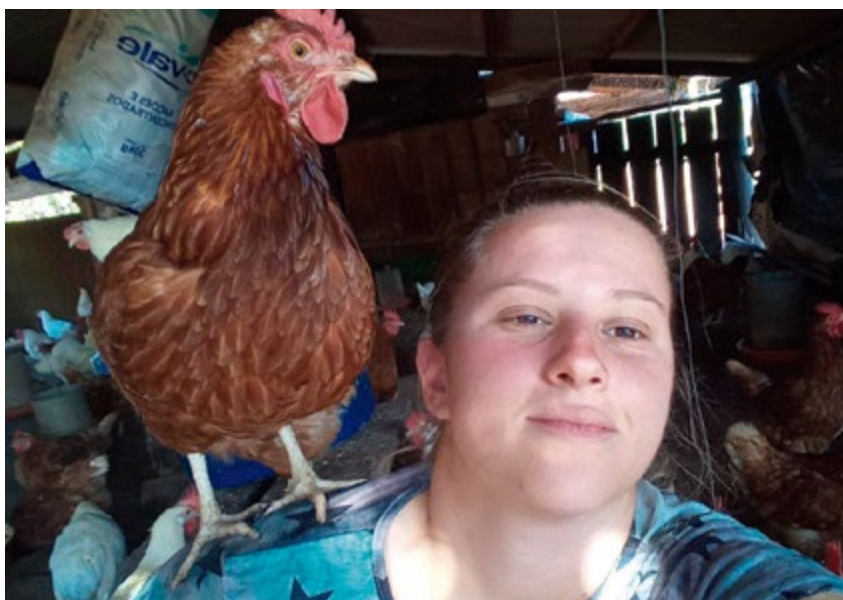
Em Guaiporã, distrito de Cafezal do Sul, na região Noroeste do Paraná, a jovem Flávia Ruffo Serraldo trilhou seu caminho nos negócios da propriedade da família. Neta de produtores rurais, ela passou muito tempo da infância na casa dos avós, onde acompanhava de perto a produção de leite. Na época, eram 20 vacas sob os cuidados da família.

Em 2017, com o crescimento da atividade, contrataram um funcionário e Flávia também começou a ajudar nas tarefas do dia a dia – os avós já estavam cansados e sua mãe havia engravidado novamente. Enquanto isso, seu pai passou a se dedicar ao plantio de mandioca em uma propriedade arrendada junto com três sócios.

No mesmo ano, a jovem, que sonhava com a faculdade de Medicina Veterinária, decidiu participar do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Resolvi fazer o JAA porque era relacionado ao meio rural, onde eu já vivia e tinha a experiência do sítio da minha família”, conta.

Com o fim do JAA e do ensino médio, Flávia precisou adiar o sonho da graduação devido às restrições financeiras, por conta dos financiamentos da propriedade. Então, em 2020, se matriculou em Educação Física e começou a estagiar na Prefeitura de Cafezal do Sul.

Com o início da pandemia, a jovem passou a ficar mais em casa, o que abriu a oportunidade de voltar a trabalhar na propriedade da família. “Foi quando meu pai teve a ideia de montar uma criação de galinhas poedeiras. Fiz um acordo



Flávia é responsável pela gestão pecuária de leite e avicultura na propriedade da família

com meu pai para trabalhar na propriedade e saí do estágio”, explica Flávia.

O sítio da família, então, ficou aos cuidados de Flávia e do avô, com auxílio de um funcionário. A criação de galinhas poedeiras passou a fazer parte das atividades, com produção de, em média, 120 ovos por dia. A produção de leite também cresceu – hoje são 100 vacas, com 50 animais em lactação, e 30 bezerros. A produção gira em torno de 500 litros de leite por dia. Parte disso é vendida para consumidores da região.

“Tenho uns lugares fixos para entregar na rua. Todo o lucro que vem dessas vendas é meu”, afirma Flávia. Com isso, ela vai adquirindo experiência enquanto aguarda a oportunidade para começar o planejado curso de Medicina Veterinária.

Para a instrutora do JAA Márcia Aparecida Bresciani Pereira, que acompanhou Flávia durante o programa, é gratificante ver ex-alunos se realizando nas mais diversas áreas de atuação e, principalmente, trabalhando em parceria com os pais na propriedade. “O curso leva eles a acreditar mais nas possibilidades e na própria competência. Muitos chegam com uma visão de que os pais trabalham demais, mas a gente mostra outra visão e esses jovens conseguem entender melhor as necessidades da família”, observa. “Eles passam a entender que se, atuarem junto dos pais, vão ter um melhor relacionamento, além do crescimento pessoal e profissional”, finaliza a instrutora.

Ícone do design brasileiro



Apesar da perda de espaço para os celulares, Orelhão segue na história por ter conectado gerações ao longo de cinco décadas



“Na própria calçada, uma vez comprada a ficha no jornaleiro, comunicam-se. Tão simples. Em outras cidades desse mundinho que é o mundo, já se fazia isso há muito tempo, mas aqui é novidade grande/gostosa”. O trecho faz parte de uma crônica do escritor Carlos Drummond de Andrade, publicada no *Jornal do Brasil*, nos primeiros anos da década de 1970. Hoje, podemos dizer, está fora de contexto. Mas define bem como era a febre do Orelhão no Brasil.

Hoje ele não é mais encontrado em cada esquina das cidades. Nem mesmo utilizado em larga escala como antigamente. Na prática, se tornou peça de museu. Apesar disso, o Orelhão, ao completar 50 anos em 2021, segue marcado na história do design brasileiro e mundial.

No começo da década de 1970, **Chu Ming Silveira** (falecida em 1997), então chefe do Departamento de Projetos da Companhia Telefônica Brasileira, recebeu a incumbência de criar um telefone público barato e mais funcional do que os telefones sem nenhuma proteção que ficavam em farmácias, bares e restaurantes. Então, inspirado nas cabines telefônicas de Londres, a imigrante de Xangai que chegou ao Brasil em 1951 com a família começou a pensar em um projeto que oferecesse privacidade para quem estivesse falando, boa relação custo-benefício e adequado às temperaturas quentes do Brasil. Assim, em 1971, surgiu o Chu I,

nome original e oficial do Orelhão e que faz referência a sua criadora.

A inspiração de Silveira veio de um ovo. Fabricado em fibra de vidro e acrílico, o Orelhão tinha uma acústica excelente e resistência ótima, além de um baixo custo de produção. Ainda, de fácil instalação, o sistema logo se popularizou pelas ruas de milhares de cidades brasileiras e também em estabelecimentos comerciais. Na época, os modelos eram feitos nas cores laranja e transparentes.

A primeira aparição pública foi no dia 20 de janeiro de 1972, no Rio de Janeiro, e, cinco dias depois, em São Paulo. Essas datas marcaram o começo de uma era icônica da comunicação. Nos anos seguintes, o Orelhão foi adotado em países como Moçambique, China, Angola, Peru, Paraguai e Colômbia.

Uma curiosidade sobre o aparelho: o teclado do telefone possui letras, ou seja, pode ser utilizado para escrever palavras. Desta forma, algumas empresas incorporavam as letras de seus nomes em seus números de telefone.

Design

Graças ao seu design e os benefícios que ele gerava, o Orelhão se tornou um ícone mundial. O sucesso do projeto ganhou o mundo. Em 1973, a arquiteta Chu Ming participou da Bienal de Arquitetura de São Paulo. Em 1980, o Orelhão integrou a exposição “Design e Comunidade”, organizada pelo Núcleo de Desenho Industrial da CIESP, em São Paulo. Dois anos depois, o aparelho fez parte da exposição “O Design no Brasil, História e Realidade”, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo.

Hoje, com a popularização dos celulares, o Orelhão foi caindo em desuso, mas ainda existem nas cidades como um marco nostálgico. No Estado de São Paulo, por lei, a Telefônica, responsável pela telefonia local desde 1998, precisa manter aparelhos de forma a garantir que o usuário não tenha que percorrer mais de 300 metros para ter acesso a um deles. Ou seja, se você precisar fazer um telefonema e ninguém tiver celulares por perto, recorra ao cinquentão que marcou época.

Profissionalização coloca o Paraná na primeira fila da corrida dos lácteos

Carambeí passou a ser o segundo maior município brasileiro na produção do alimento e junto com Castro, o primeiro, consolida a formação de uma “metrópole” do leite

Por Antonio C. Senkovski

A primeira fila da corrida nacional dos lácteos é 100% paranaense. Carambeí, com uma produção de 22,47 milhões de litros de leite em 2020, ultrapassou o município mineiro de Patos de Minas (19 milhões). Agora o Paraná conta com os dois maiores produtores do alimento do país. Mais do que isso, como o território carambense é limítrofe de Castro, capital brasileira do leite, os dois municípios da região dos Campos Gerais formam uma verdadeira metrópole da bovinocultura leiteira. Esse título foi conquistado com esforço, investimento em tecnologias,

qualificação e uma ajuda considerável do clima, como enfatizam produtores e lideranças que estão há décadas na atividade.

A história da metrópole do leite entrelaça desafios da cadeia produtiva em si e os desafios da própria vida de tantas famílias rurais. No caso de Armando Carvalho, que hoje produz, em Castro, 38 mil litros de leite por dia com 900 vacas em lactação (média de 42 litros/dia), a relação com o mundo do leite surgiu de um trauma familiar. Era o ano de 1994, ele tinha apenas 13 anos quando seu pai faleceu. Por uma questão de necessidade

de aumentar a renda, a mãe, então com 41 anos, vendeu uma caminhonete D20 nova que ficou de herança para comprar 20 vacas holandesas.

Os negócios foram caminhando, até que em 1998 Armando terminou o colégio agrícola e voltou para a propriedade. Com perseverança, conhecimento técnico e envolvimento da família na atividade, o negócio manteve um crescimento persistente. O resultado é que a propriedade de 2,6 mil hectares funciona como um relógio para produzir grãos e alimentos para as vacas. E, com um carrossel de



589 milhões

Esta foi a quantidade de litros de leite produzida em Castro e Carambeí, em 2020

ordenha capaz de atender as necessidades de até 2,6 mil animais por dia, ainda há bastante espaço para o local seguir em seu ritmo de crescimento de 20% ao ano. “Quando começamos a atividade, não tínhamos noção de que chegaríamos onde estamos hoje”, compartilha Carvalho.

Do outro lado da divisa, mas dentro da grande bacia leiteira “metropolitana”, Mauricio Greidanus está à frente de uma propriedade em Carambeí que comercializa 32 mil litros de leite por dia. Ele entrou na atividade em sociedade com o sogro, com 50 vacas, em 1989. O crescimento contínuo também foi uma estratégia decisiva para que o negócio chegasse ao nível atual, com 850 animais em lactação e 50 funcionários (que atuam também nas atividades de suinocultura e agricultura). “Todo ano aumentamos um pouco, um crescimento não muito grande, mas constante de 7% ao ano. E isso ocorre em todas as fazendas aqui da região, não apenas na nossa”, revela.

Produtividade e qualidade

Apesar dos números totais impressionarem, não é só em volume que os negócios têm se intensificado, mas também em evolução de produtividade. Para se ter ideia, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Castro teve um aumento de 550% na produtividade em 45 anos. Considerando 2020, se apenas o leite de Castro fosse um município, o Valor Bruto de Produção (VBP) Agropecuário seria maior

que de outros 358 municípios paranaenses dos 399 que existem no Estado. Já em Carambeí, a cidade tem apenas o 51º maior rebanho nacional e, ainda assim, é o segundo maior produtor do Brasil. Nessa mesma localidade, o volume total de leite mais do que dobrou nos últimos 10 anos (veja no gráfico das páginas 22 e 23).

Segundo Altair Antonio Valotto, superintendente da Associação Paranaense dos Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH), os índices de produtividade da região, nas fazendas intensivas (como as de Carvalho e Greidanus), chegam a 9,3 mil litros de leite por lactação, quando a média nacional não chega a 2 mil litros. “Qual é o segredo disso? Eles utilizam as vacas que dão mais leite, têm os mesmos níveis de produtividade e rentabilidade que no Canadá ou nos Estados Unidos. A chave está em genética boa, comida de qualidade e em quantidade, conforto, bem-estar e saúde para a vaca. O produtor daquela região está preocupado em produzir quantidade, com qualidade e rentabilidade”, resume.

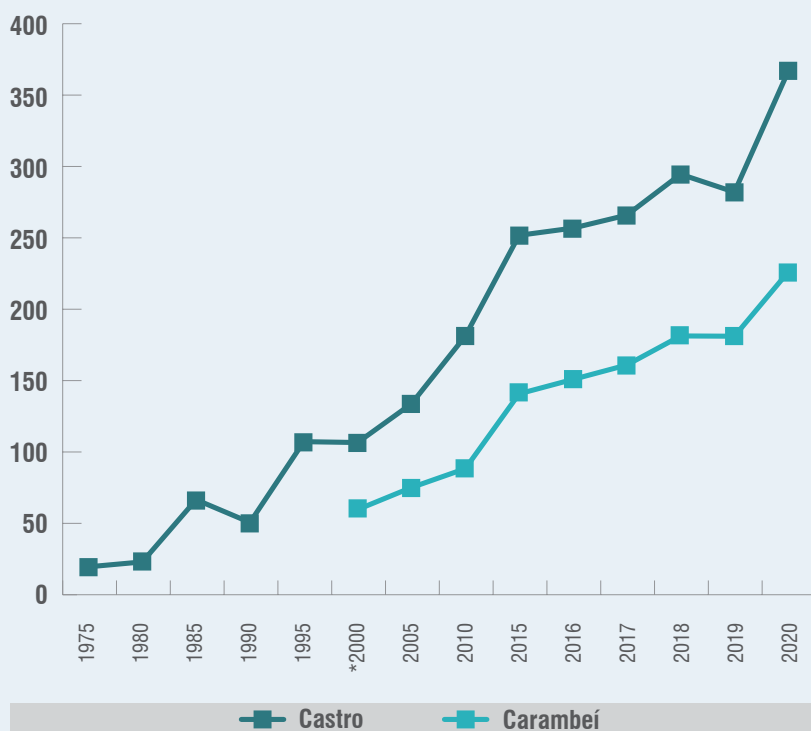
Para se ter ideia do quanto a geração de dados é levada a sério no local, há

um controle leiteiro em relação a aspectos relacionados desde 1966. “Eles são pioneiros nisso. É um reflexo de uma cultura influenciada pelos imigrantes holandeses e que se constitui como um diferencial enorme para a evolução da atividade. A profissionalização da cadeia produtiva do leite é algo no qual repousa a própria viabilidade da produção de leite. E um bom exemplo de como puxar o nível para cima é a implantação pioneira de um pagamento por qualidade do produto, o que faz com que o produtor tenha realmente incentivo e se engaje”, acrescenta o presidente da Comissão Técnica de Bovinocultura de Leite do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ronei Volpi.

Valotto, da APCBRH, destaca a organização das cooperativas da região como outro elemento importante no sucesso da metrópole leiteira. “Ter esse suporte do cooperativismo abre a possibilidade de o produtor ter um guarda-chuva de apoio, em suporte de insumos, fábrica de ração, aporte de equipes técnicas que cuidam da sanidade, da saúde dos animais, doenças metabólicas. Essa sustentabilidade econômica é muito importante”, enfatiza.



Evolução da produção de leite (milhões de litros)



*Ano de início do levantamento no município
 Fonte: IBGE | Elaboração: DTE/Sistema FAEP/SENAR-PR

Empregos diretos na produção de leite

Castro
 2019: 690
 2020: 760
Remuneração média:
 R\$ 2.502,78



Diferentes escalas

O produtor Jacob Vourlus, de Carambeí, tem uma propriedade de menor tamanho em relação as dos produtores Carvalho e Greidanus, mas igualmente com produção intensiva. Ele volta mais de um século no tempo para explicar o sucesso da região. Sua família veio da Holanda e passou a produzir leite nos Campos Gerais há 110 anos. Isso significa que Vourlus já é a terceira geração na atividade. No início, ele que é médico veterinário trabalhava em uma empresa privada, mas, em 2000, perdeu o emprego e mergulhou na propriedade. “Entre meu e arrendado, tenho cerca de 140 hectares e 270 vacas em lactação. A produção gira em torno de 9 mil litros por dia”, enfatiza.

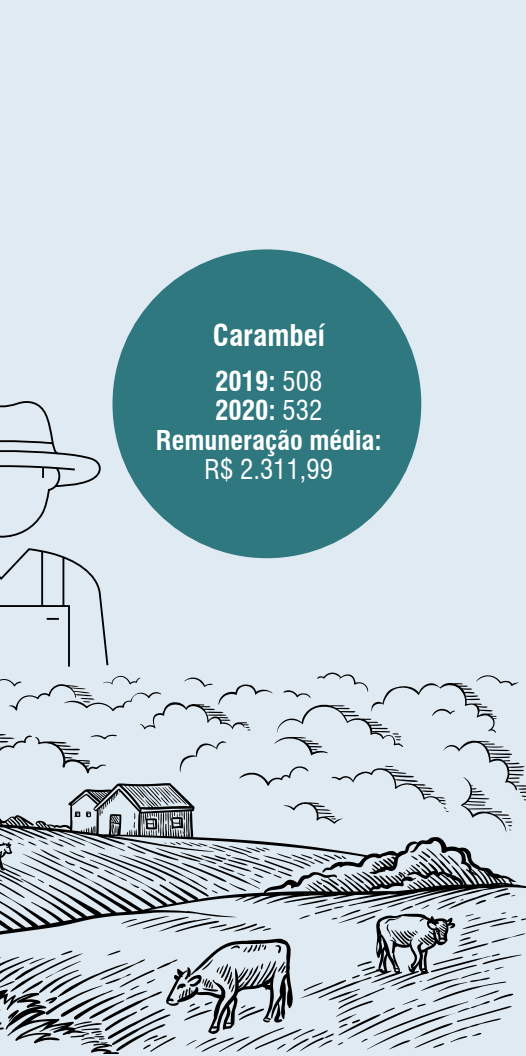
Vourlus acredita que a tendência de expansão na produção de leite na região se deve especialmente à persistência e à organização da ca-

deia produtiva. “É uma conjunção de fatores que explicam. Muita gente se profissionalizou e a produtividade aumentou bastante. O manejo e os cuidados com os animais melhoraram, a produção de comida é mais estável, a vaca produz o ano todo”, analisa o bovinocultor leiteiro.

Com uma propriedade de 90 hectares e 165 vacas em lactação, Arthur Luiz Kassies, de Castro, é a segunda geração na produção de leite. Seu pai começou o negócio em 1984 e Kassies começou a ajudar em período integral. De lá para cá viu o negócio prosperar até chegar ao status atual: produção de 5,5 mil litros por dia. “O que ajuda na evolução da produção é o empenho dos produtores, da assistência técnica e a divulgação de informações. Entra muito também a questão genética, que cada vez está melhor, as opções de forragem, a suplementação. Vai somando tudo e vai só acrescentando”, diagnostica o produtor.

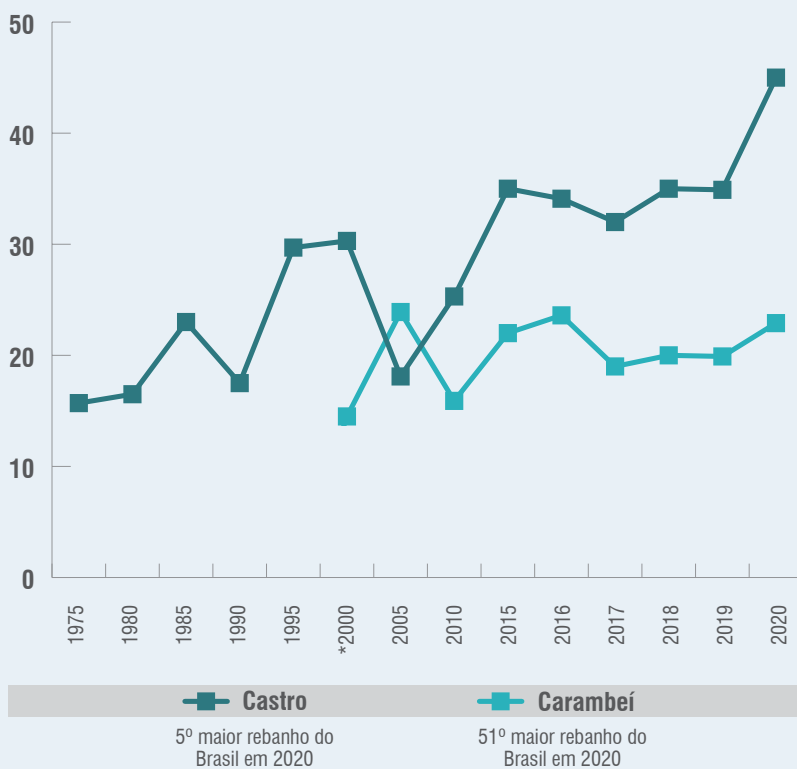


Jacob Vourlus, de Carambeí, produz 9 mil litros por dia



Carambeí
 2019: 508
 2020: 532
 Remuneração média:
 R\$ 2.311,99

Evolução do número de vacas ordenhadas (mil cabeças)



Campanha mostra importância econômica da atividade

O leite movimentava mais de R\$ 100 bilhões ao ano e gera mais de 4 milhões de empregos no Brasil. Para ressaltar a importância dessa cadeia produtiva junto ao grande público, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em parceria com entidades dos setores público e privado, inclusive o Sistema FAEP/SENAR-PR, lançou, no dia 3 de novembro, a 1ª Semana do Leite. Trata-se de um conjunto de peças para redes sociais com alcance nacional, para mostrar a importância econômica do segmento leiteiro, que produz 34 bilhões de litros por ano no Brasil.

Ronei Volpi, que também é presidente da Câmara Setorial do Leite e Derivados do Mapa, considera importante o contato da sociedade em geral com as particularidades da cadeia leiteira até mesmo para promover uma valorização de todo o esforço envolvido do campo até a mesa do consumidor.

“Essa proximidade é saudável para toda a cadeia e tem potencial para proporcionar um aumento na confiança no consumo de lácteos. Graças ao esforço de décadas de tantas lideranças e o empenho de produtores, leite e derivados no Brasil são produtos de altíssima qualidade, sustentáveis e itens fundamentais para a segurança alimentar da população”, afirma Volpi.

Efeito multiplicador

O leite é uma atividade que possui diferentes modelos de negócio e que coexistem produções de vários tamanhos. Nos Campos Gerais, segundo Luiz Eliezer Ferreira, técnico do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR, é possível perceber nas propriedades médias e grandes o fato de os proprietários apostarem em produções intensivas, ou seja, extraem ao máximo o potencial produtivo, com altos investimentos. “O leite possui um efeito multiplicador, ou seja, para cada real gasto e investido numa atividade tem um desdobramento não só na cadeia produtiva, mas na economia como um todo”, explica.

No caso do leite, o produtor precisa dos insumos e toda uma rede estruturada para atender suas demandas. “Além de fazer a produção em si, essa cadeia precisa ser transportada e comercializada. Preciso de caminhão, de pneu, de borracharia, combustível, uma infinidade de insumos e serviços. O leite transborda riqueza e empregos para demais elos da economia. Quando a gente olha uma fazenda de leite, a mão de obra familiar é forte, mas de modo geral os empregos da cadeia leiteira estão nos demais elos”, detalha.

Outro dado importante, na avaliação de Ferreira, é o fato de que a remuneração média de quem trabalha na pecuária leiteira é maior do que em outras áreas da agropecuária. Isso se explica principalmente pelo fato de os proprietários precisarem de mão de obra especializada, além de haver questões como horas-extras e escalas diferenciadas. “A pecuária leiteira exige mão de obra intensiva. O tempo todo é necessário ter funcionários capacitados, supervisionando todas as etapas do processo produtivo”, enfatiza o técnico.



Armando Carvalho investiu em um carrocel de ordenha, em Castro

Sindicatos de Castro e Carambeí ajudam a impulsionar atividade

Em Castro e Carambeí há uma intensa participação dos produtores nos sindicatos rurais. As entidades auxiliam na organização das demandas da cadeia produtiva, na prestação de serviços aos pecuaristas e, principalmente, na qualificação de trabalhadores e produtores por meio dos cursos do SENAR-PR.

“Podemos dizer que a região tem uma estrutura que favorece a escolha dos agropecuaristas a se tornarem produtores de leite. Há suportes técnico, comercial, genético, espírito empreendedor, enfim, criou-se um ambiente virtuoso para a produção de leite”, analisa Ricardo Wolter, presidente do Sindicato Rural de Carambeí.

O comandante do Sindicato Rural de Castro, Eduardo Medeiros, lembra que, desde a época em que era funcionário do Banco do Brasil, nos anos 1980, presenciou os produtores de leite indo atrás de financiamento para importar tecnologia, especialmente em genética. E que aliado a isso, há uma busca constante por qualificação, tanto que existe um local especializado em cursos na área de pecuária, o Centro de Treinamento para Pecuaristas (CTP), em Castro - que tem convênio com o SENAR-PR.

“Tem cursos, cooperativas que dão todo o suporte no fornecimento de insumos e captação do leite, com assistência técnica inclusive”, analisa.

Somente de formações diretamente ligadas à produção de leite, o SENAR-PR tem 15 títulos com temas como manejo e alimentação de bezerras, conservação de forragem, casqueamento de bovinos, ordenha, bem-estar, avaliação de conformação, entre outros. Além disso, diversos outros cursos estão relacionados às atividades gerais das propriedades rurais e podem servir a produtores e trabalhadores rurais. Todos os títulos estão disponíveis, gratuitamente, no site www.sistemafaep.org.br/cursos.

De ex-aluno a empreendedor rural

Hemerson Yochide passou a tocar uma propriedade leiteira em Cafezal do Sul, no Noroeste do Paraná, após fazer cursos do SENAR-PR



Com o PER e o JAA no currículo, Hemerson investiu na pecuária

Hemerson Luiz Yochide Diniz Inoue tem apenas 21 anos, mas já conta com uma longa lista de formações no currículo. Nessa sede pelo saber, dois dos cursos que mais marcaram a sua trajetória são o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e o Programa Empreendedor Rural (PER), ambos do Sistema FAEP/SENAR-PR. Graças à aposta no conhecimento, o jovem conseguiu tirar seus primeiros sonhos do papel e passou a tocar a leiteria da família em Cafezal do Sul, no Noroeste do Paraná.

Primeiro veio o JAA. Inoue sempre teve contato com a área rural, já que é filho de produtores. Estava nos últimos anos do ensino médio em busca de sua vocação para escolher o melhor curso universitário e ingressou em uma das turmas do programa do Sistema FAEP/SENAR-PR. Nesse primeiro curso já ficou claro que o seu futuro passava pelo meio rural. “Desde essa época eu penso que prefiro muito

mais trabalhar para mim do que trabalhar para os outros. Não tenho dor de cabeça, tiro minha renda que é bacana e vivo bem demais”, resume.

Com o diploma do JAA em mãos e participando de diversos cursos na área agrícola, o jovem resolveu ingressar no PER. Se as ideias já borbulhavam na cabeça de Inoue, o treinamento deu o empurrão que faltava para transformar sonhos em realidade. “Esse foi um curso que me ajudou bastante. Aprendi a colocar a mão na massa, montar uma empresa e levar para frente de modo consistente”, lembra.

Depois do PER, Inoue passou a tocar a atividade leiteira da família, que conta com 30 hectares, 12 vacas em lactação, que produzem cerca de 150 litros de leite por dia (antigamente chegou a 350 litros por dia). Para dar conta dos afazeres do dia a dia, o jovem empreendedor tem um funcionário. “Somos dois

para dar conta de todas as atividades, que envolvem duas ordenhas por dia, fabricação de silagem, plantio de milho, corte de cana, cuidados com o gado e o que mais precisar”, revela.

No último ano da faculdade de Agronomia, na Unipar, em Umuarama, Inoue planeja, após terminar o curso, uma segunda graduação. “Eu sempre tive o sonho de estudar Medicina Veterinária. Por questões de distância da faculdade mais próxima com esse curso, fiz Agronomia, mas ainda não desisti do meu sonho”, avisa.

Perfil empreendedor

O instrutor que deu aulas para Inoue, Ricardo Botelho Camargo explica que a trajetória cumprida pelo aluno se repete de forma sistemática nas turmas do PER. “O jovem do campo já tem um carinho pela vida rural, foi criado nesse meio. Quando você mostra que tem perspectiva de crescer, melhorar e ficar com aquilo que gosta, ele se empenha em levar para dentro da propriedade o conhecimento, melhorar os projetos ou até mesmo começar novos negócios”, analisa.

Para Camargo, o PER representa uma oxigenação ao meio rural. “Geralmente, o produtor não tem a mentalidade que a propriedade é um negócio, uma empresa. No PER a gente trata disso e trabalha muito a questão da família. A partir do PER você começa a criar perspectiva, como vou gerir esse negócio para obter renda, melhorar a qualidade de vida da família. Muitos participantes passam por esse processo”, pontua.

Setor aposta em lácteos sem lactose para conquistar mercado

Nicho pode ser alternativa de geração de riquezas por meio de processos relativamente simples e clientes dispostos a pagar mais pelos produtos



Os produtos zero lactose têm ganhado cada vez mais as gôndolas dos supermercados e as geladeiras dos consumidores mundo afora. No Paraná e no Brasil não têm sido diferentes. Várias lojas de grandes redes varejistas possuem setores dedicados a produtos livres desse elemento. Além do leite em si, é possível encontrar alguns tipos de queijos, requeijões, manteigas, creme de leite, leite condensado e outros itens. Sabendo disso, as agroindústrias paranaenses têm disputado parte desse filão.

O presidente da Comissão Técnica (CT) de Bovinocultura de Leite do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ronei Volpi, considera os produtos zero lactose um mercado promissor para as empresas paranaenses. “Trata-se de uma boa oportunidade de negócio, tendo em vista um público consumidor amplo e disposto a pagar mais pelos produtos com essa característica. As empresas têm detectado essa tendência por parte dos compradores e investido de modo a responder a demanda”, reflete Volpi.

Um dos laticínios que têm ampla atuação nesse mercado é o Latco, com sede em Cruzeiro do Oeste, no Noroeste do Paraná. Segundo Valdomiro Leite, médico veterinário da empresa, a companhia passou a investir nesse mercado há cerca de oito anos, motivada justamente pela ampla procura dos consumidores por esse tipo de produto. “Foi um mercado que cresceu bastante inicialmente e agora já está mais estabilizado”, conta Leite.

No portfólio de produtos zero lactose, a Latco (marca crioulo) conta com leite fluido, muçarela e prato fatiados, queijo minas e requeijão, todos fabricados nas plantas de

Realeza, no Sudoeste, e Maripá, no Oeste. “Hoje, em torno de 7% de tudo que produzimos são produtos zero lactose. A ideia é que, conforme forem surgindo necessidades, a empresa vá incluindo novos produtos à disposição dos consumidores”, projeta Leite.

Outra organização que está no ramo dos lácteos sem lactose é a Cooperativa Frimesa, com sede em Medianeira, na região Oeste. Elis D’Alessandro, gerente de marketing da empresa, lembra que o primeiro produto da organização para pessoas com intolerância à lactose foi o leite longa vida, lançado há uma década. Hoje, quase 10% do volume de vendas de leite da cooperativa estão na versão zero lactose.

“A empresa buscou se adaptar com a demanda de clientes com restrição alimentar, aumentando a oferta de produtos sem lactose. Iogurtes, creme de leite, leite condensado se somaram ao portfólio com o passar dos anos. Agora, em 2021, cinco novos itens foram lançados, com destaque para iogurtes e a opção de *petit suisse* [“iogurte” para crianças] para o segmento infantil”, compartilha D’Alessandro.

Na capital nacional do leite, Castro, nos Campos Gerais, também houve investimento em produtos zero lactose. De acordo com Paulo Maurício Bernardini Basto da Silva, gerente de qualidade da Castrolanda, a cooperativa tem dois produtos livres de lactose, leite longa vida e leite condensado, com a própria marca (Colônia Holandesa). “Também prestamos serviços para empresas nacionais e internacionais e produzimos bebida láctea zero lactose para outras marcas”, completa.

“As empresas têm detectado essa tendência por parte dos compradores e investido de modo a responder à demanda”

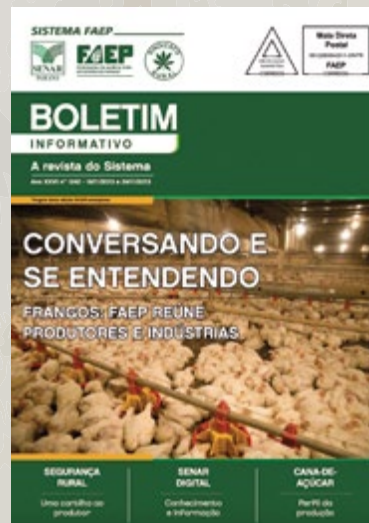
Ronei Volpi, presidente da CT de Bovinocultura de Leite do Sistema FAEP/SENAR-PR

Como é feito o leite zero lactose

O processo de produção de leite e derivados zero lactose é relativamente simples. Na indústria ocorre a adição de uma enzima chamada lactase, que reage com a lactose e quebra a molécula em outros dois açúcares: glicose e galactose. “O produto oriundo da reação costuma ter sabor mais adocicado como resultado da quebra da lactose. O cuidado no caso de quem consome esse produto é o alerta na embalagem para diabéticos, por conta da glicose, e pessoas que eventualmente tenham intolerância à galactose”, explica Paulo Silva, da Castrolanda.

A supervisora de pesquisa desenvolvimento e inovação da área de lácteos da Frimesa, Mariana Massari, completa que a lactose em si já é um açúcar presente no leite. “É a fonte de energia mais importante durante o primeiro ano de vida dos mamíferos, pois fornece quase metade da necessidade energética total necessária para o desenvolvimento do organismo. Esse açúcar é encontrado somente no leite e derivados, representando cerca de 2% a 8% do leite. Ela é utilizada pelos organismos como fonte de energia para o desenvolvimento do sistema nervoso central, facilitando a absorção de cálcio, fósforo e vitamina D, além de favorecer a retenção de cálcio e prevenindo a osteoporose”, detalha.

Ainda, a pesquisadora reforça que a transformação da lactose em outros açúcares não interfere de forma significativa nos valores nutricionais do produto. “O leite sem ou com baixo teor de lactose não tem nenhuma perda de nutriente. Ele apresenta o mesmo valor calórico, fornecimento de nutrientes, aminoácidos e vitaminas essenciais. Contudo, por se tratar de um processo de produção mais caro, o preço final do produto costuma ser mais alto”, aponta.



Construindo o diálogo

Há oito anos, na edição 1424, o Boletim Informativo destacava uma iniciativa do Sistema FAEP/SENAR-PR de aproximar avicultores e agroindústrias. Em uma reunião da Comissão Técnica de Avicultura da Federação, vários elos da cadeia produtiva começaram a construir um diálogo mais sólido, que viria a desembocar em um relacionamento mais equilibrado no modo de produção integrado.

Na ocasião, o Projeto de Lei 6.459/2013 – que propunha a criação da Lei da Integração – havia sido aprovado no Senado, mas ainda tramitava na Câmara. Uma das novidades trazidas com a propositura era a criação das Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs), que são colegiados formados por produtores e representantes da agroindústria, com objetivo de estabelecer consenso na relação produtiva entre as partes.

Posteriormente, a Lei da Integração foi sancionada e hoje as Cadecs estão consolidadas no Paraná – que é o Estado em que há o maior número dessas comissões. Não à toa, o modelo paranaense serviu de exemplo para outras unidades da federação. Além disso, o Paraná norteou o programa Cadecs Brasil, que tem por objetivo que comissões de todo o país troquem informações e compartilhem experiências.

Crise de contêineres afeta movimentação em Paranaguá

Falta dos equipamentos para embarque de mercadorias impacta o preço do frete marítimo

Os agentes de importação e exportação já sentem na prática um dos efeitos colaterais da pandemia do coronavírus: a falta generalizada de contêineres ocasionada pelo descompasso entre a estagnação econômica no início de 2020 e a retomada das atividades neste momento. Além da logística desfavorável, com a maioria dos contêineres concentrada nos portos do outro lado do globo, também houve redução na fabricação destes equipamentos durante a pandemia, o que reduziu ainda mais a oferta.

No Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP), a situação não é diferente. A falta destes equipamentos para o transporte de cargas especiais já causa impacto. A situação fica ainda mais grave pelo fato do terminal ser responsável por 40% da exportação da proteína animal brasileira.

Sobre o tema e seus desdobramentos, confira a entrevista com o diretor comercial e institucional da TCP, Thomas Lima.

Boletim Informativo - Nos últimos meses diversos relatos de empresas e profissionais do setor portuário dão conta de uma falta de contêineres nos terminais brasileiros. No TCP de Paranaguá esse problema também acontece? Se sim, em que medida?

Thomas Lima - Sim, é um problema global que atingiu todos os principais portos do mundo por uma momentânea demanda maior do que a oferta de equipamentos e espaço nos navios.

BI - Quais as causas aparentes dessa situação?

TL - A pandemia desacelerou alguns mercados e indústrias no início. Entretanto, desde o começo desse ano, com a volta ao chamado “normal”, notamos uma retomada acentuada





Thomas Lima, diretor do TCP

impulsionada, principalmente, pelas demandas que estavam reprimidas pela pandemia.

BI - Essa é uma situação do Brasil ou mundial?

TL - Mundial.

BI - De que forma a falta de contêineres tem impactado o preço do frete marítimo?

TL - É a lei da oferta e da procura. A demanda por transporte marítimo atual está consideravelmente mais forte do que a oferta de capacidade, ocasionando em aumento no valor dos fretes. Por exemplo, o frete Brasil-Ásia girava em torno de US\$ 1 mil a US\$ 2 mil e, hoje, está próximo dos US\$ 10 mil.

BI - Com o avanço da vacinação e retomada do comércio, essa situação deve se agravar ainda mais no futuro?

TL - O sistema estava sendo utilizado em sua capacidade máxima (portos e navios) e, de forma geral, os clientes relatavam que não era possível conseguir espaço com me-

nos de dois meses de antecedência (durante esses picos, nosso terminal chegou a 95% de ocupação estática).

Hoje estamos com a ocupação média normal e, segundo relato dos clientes, é possível conseguir espaço com um mês de antecedência (mesmo com níveis de fretes marítimos altos). Com os dados e tendências que analisamos nesse momento, acreditamos que o sistema logístico estará equalizado no primeiro semestre de 2022.

BI - Quais são os principais produtos que chegam por contêiner em Paranaguá. E quais os principais produtos exportados por este sistema?

TL - Produtos importados são, na maioria, matérias-primas para a indústria do Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai. Além disso temos os agroquímicos e fertilizantes que alimentam o agronegócio nacional.

Na exportação, o maior volume é de proteína animal, com aproximadamente 40% do exportado, sendo o TCP o maior exportador desse segmento no país. Além disso, os segmentos florestal e alimentício são relevantes no fluxo.

BI - Que produtos foram mais prejudicados pela falta de contêineres?

TL - Temos um impacto geral em praticamente todos os segmentos.

BI - Que tipo de medida pode ser tomada para contornar esse problema? Embarcar os produtos nos porões dos navios é uma opção?

TL - Temos notícias sobre grandes encomendas de navios e contêineres que devem alentar o mercado em 2022 e 2023. Além disso, para o curtíssimo prazo estamos aumentando nossa capacidade de movimentação (mais pessoas e equipamentos) e viabilizando mais rotas em Paranaguá. Recentemente anunciamos um novo serviço para a Ásia com a coreana Hyundai que deve aumentar a oferta aos clientes.

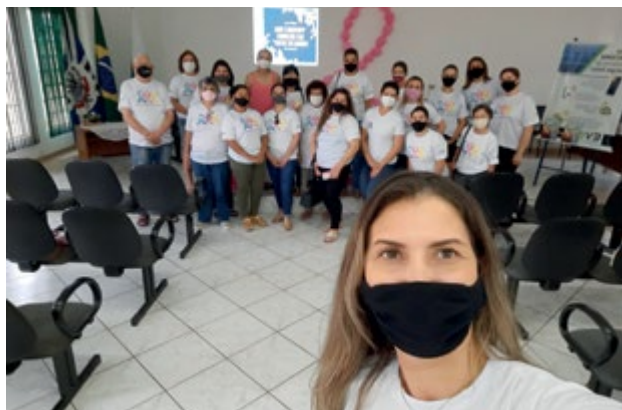
Quanto ao uso dos porões dos navios, a carga geral é uma alternativa. Temos ofertado esse serviço para o segmento madeireiro e outros.

BI - O senhor acredita que existe solução possível para este impasse no curto prazo?

TL - Para o curto prazo, acredito que teremos um pouco mais de oferta de espaço decorrentes de algumas novas linhas. O sistema como um todo irá se ajustar por duas vias: gerenciamento do *backlog* para aliviar o sistema e o próprio aumento nos fretes está inviabilizando algumas cargas o que reduz a procura e aumenta o espaço – cargas migram para carga geral.

Outubro Rosa em Jacarezinho

O Sindicato Rural de Jacarezinho, por conta da Campanha Outubro Rosa, homenageou suas associadas e colaboradoras com a distribuição de camisetas. Ainda, o evento contou com palestras da enfermeira Cynthia Campos Francica Hartmann e da agente comunitária da saúde Regiane Aparecida Diniz, além de participação da Canapar e AVINORPI. As comemorações do Outubro Rosa ocorreram no dia 27 de outubro, nas dependências do Sindicato.



SC no comando da Aliança Láctea

A Aliança Láctea, que estava sob coordenação do Paraná nos últimos anos, será agora liderada por Santa Catarina na figura do ex-secretário de Estado da Agricultura e doutor em Economia dos Recursos Naturais pela *University of Queensland* (na Austrália), Airton Spies. A mudança de comendado ocorreu no dia 9 de novembro, durante reunião envolvendo os integrantes dos três Estados da região Sul: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Atualmente, entre os principais desafios, da Aliança Láctea está a capacitação do setor para ganhar o mercado internacional, trazendo mais renda.

Premiadas da live da Comissão de Mulheres

A Comissão Estadual de Mulheres da FAEP fez a entrega das três semijoias com o tema agro, sorteadas durante a *live* “Capacitando mulheres, vencendo desafios”, realizada no dia 14 de outubro, em parceria com o Sebrae-PR. A semijoia referente a soja foi entregue pelo presidente do Sindicato Rural de Goioerê, Sergio Fortis, à produtora e associada **Renata Manhanini**. O presidente da entidade de Arapoti, Dirceu Antonio Osmarini, repassou o presente à produtora rural e associada **Daiane Maria de Oliveira**. Já a produtora rural e associada **Adriane Araujo Azevedo** recebeu a semijoia das mãos do presidente do Sindicato Rural Guarapuava, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, e da vice-Presidente da FAEP e coordenadora da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP, Lisiane Rocha Czech. Ainda, na ocasião foram repassadas 100 inscrições Agrobot para os primeiros inscritos na *live*.



Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

RESOLUÇÃO Nº 08 - SAFRA 2021/22

Os conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 28 de outubro de 2021, na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em outubro de 2021 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2021/22, que passam a vigorar a partir de 1º de novembro de 2021.

Os preços médios do quilo do ATR, por produto, obtidos no mês de outubro de 2021, conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM OUTUBRO DE 2021 - SAFRA 2021/22 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,85%	87,19	1,61%	77,55
AME	42,39%	75,17	45,06%	68,25
EAC - ME	0,00%	-	0,38%	3.321,65
EAC - MI	26,95%	3.882,31	23,80%	3.393,03
EA - of	0,11%	4.673,84	0,09%	4.267,20
EHC - ME	3,74%	2.438,55	5,55%	2.294,19
EHC - MI	24,78%	3.412,96	21,45%	2.933,10
EH - of	0,18%	3.557,32	2,05%	2.946,80
obs: EAC - ME + MI + of	27,06%	3.885,46	24,28%	3.395,14
EHC - ME + MI + of	28,70%	3.286,91	29,06%	2.811,96

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,85%	0,9886	1,61%	0,8793
AME	42,39%	0,8558	45,06%	0,7770
EAC - ME	0,00%	-	0,38%	1,1686
EAC - MI	26,95%	1,3659	23,80%	1,1937
EA - of	0,11%	1,6444	0,09%	1,5013
EHC - ME	3,74%	0,8954	5,55%	0,8424
EHC - MI	24,78%	1,2531	21,45%	1,0770
EH - of	0,18%	1,3062	2,05%	1,0820
Média		1,0973		0,9542
obs: EAC - ME + MI + of	27,06%	1,3670	24,28%	1,1945
EHC - ME + MI + of	28,70%	1,2069	29,06%	1,0325

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2021/22 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	1,05%	77,55
AME	47,58%	67,67
EAC - ME	0,25%	3.321,65
EAC - MI	24,87%	3.450,86
EA - of	0,06%	4.267,20
EHC - ME	3,63%	2.294,19
EHC - MI	21,23%	1.690,32
EH - of	1,34%	1.775,36

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	1,05%	0,8793
AME	47,58%	0,7703
EAC - ME	0,25%	1,1686
EAC - MI	24,87%	1,2141
EA - of	0,06%	1,5013
EHC - ME	3,63%	0,8424
EHC - MI	21,23%	1,1078
EH - of	1,34%	1,0820
Média		0,9617

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	105,02	117,30
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	105,02	117,30

Maringá, 28 de outubro de 2021

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Presidente

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Vice-presidente



CASCAVEL

TRABALHADOR NA APICULTURA

Entre os dias 28 de junho e 2 de julho, o Sindicato Rural de Cascavel ofertou o curso “Trabalhador na apicultura – Apicultura II – produção de rainhas e produção de própolis”. Quem habilitou os oito participantes foi o instrutor Ramon Ponce Martins.



PATO BRANCO

PER

O Sindicato Rural de Pato Branco encerrou, no dia 9 de outubro, o Programa Empreendedor Rural (PER), ministrado pelo instrutor Paulo Roberto Golim. Dezesesseis pessoas foram capacitadas.



CAMBARÁ

PER

Finalizou em 9 de outubro o Programa Empreendedor Rural (PER) realizado pelo Sindicato Rural de Cambará. Os instrutores Cristiano Leite Ribeiro e Gumercindo Fernandez Silva Junior foram os responsáveis por capacitar dez participantes.



JARDIM OLINDA

DERIVADOS DE PESCADO

Seis pessoas participaram do curso de “Produção artesanal de alimentos – derivados de pescado”, oferecido pelo Sindicato Rural de Colorado. O treinamento aconteceu nos dias 29 e 30 de setembro com o instrutor Frederico Mahnic.



JUSSARA

TURISMO RURAL

Ocorreu em Jussara o curso “Turismo rural – oportunidades de negócio” para oito participantes. O treinamento com o instrutor José Rivaldo dos Santos foi realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Jussara, Secretaria de Agricultura, Abastecimento, IDR Paraná e o Sindicato Rural de Cianorte.



ANDIRÁ

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Andirá ofertou, entre os dias 8 e 13 de setembro, o curso “Trabalhador volante da agricultura – operação de implementos para aplicação de agrotóxicos – pulverizador autopropelido” a nove pessoas. O instrutor responsável foi Bruno Gonçalves Batista.



MARILUZ

PER

A instrutora Michele Roco Piffer ministrou a dez pessoas o Programa Empreendedor Rural (PER). O curso ofertado pelo Sindicato Rural de Mariluz foi concluído em 21 de outubro.



SALGADO FILHO

BOVINO DE LEITE

Entre os dias 16 e 27 de setembro estiveram presentes dez participantes no curso de “Produtor de bovino de leite – manejo e ordenha”. O treinamento foi ministrado pelo instrutor Luiz Augusto Lanzarini por meio do Sindicato Rural de Francisco Beltrão.

VIA RÁPIDA



Taças de vinho

A variedade de taças serve para potencializar aspectos do vinho, como aroma, textura e cor. O formato também influi em como o álcool chega ao nariz. Nas taças com abertura menor, o aroma viaja direto e reto e é sentido de uma vez só. Já naquelas com boca maior, o vinho tem maior superfície de contato com o ar e libera mais aromas.

Aniversário coletivo

A tradição de sempre festejar a data em que uma pessoa completa mais um ano de vida não é totalmente seguida no mundo. No Vietnã, por exemplo, tal comemoração não se dá na data específica do nascimento, mas na passagem do ano novo, de forma coletiva.

Mais alto?

Somos levemente mais altos quando acordamos pela manhã, a diferença de medida do início do dia ao final pode chegar a pouco mais de um centímetro. Durante o dia, a força da gravidade e uma leve desidratação das cartilagens do joelho e, principalmente, da coluna reduzem nosso tamanho.

Gatos sempre caem de pé

O bichano realiza esse malabarismo contando com a grande sensibilidade dos receptores (estrutura interna do ouvido responsável pelo equilíbrio). Sempre que o gato está em uma posição desconfortável, ocorre um aumento de pressão na região, funcionando como um alerta, que é enviado para o sistema nervoso, que manda vários sinais elétricos para o aparelho locomotor, em especial, os músculos. Assim, os músculos realizam uma série de movimentos instintivos que fazem o corpo do animal recuperar o equilíbrio.



Nascidos na Antártida

Já pensou como seria nascer na Antártida? Pois é, 11 seres humanos já nasceram no continente gelado. Oito deles na base argentina Esperanza e três na base chilena Presidente Eduardo Frei Montalva. Mas como assim "bases"? Acontece que, pelo Tratado da Antártida, nenhum país é dono de lá. A única coisa permitida no continente, por ora, é pesquisa científica.

Gandula

O termo "gandula" surgiu em 1939. Naquela época, o Vasco da Gama contratou um atacante argentino chamado Bernardo Gandulla. Porém, o jogador não se adaptou ao time e ficava apenas no banco de reservas. Para tentar mostrar utilidade ao seu clube, ele sempre corria e pegava as bolas que saíam do campo, até mesmo as do adversário. Assim, esse jogador tornou-se simpático perante a torcida e, quando foi embora, o termo "gandula" continuou a ser usado para designar os repositores de bolas.

Piada

Dois amigos conversando...

- Meu pai quer que eu faça Direito e seja um bom advogado.
- Que bom, vai seguir a profissão do velho?
- Não, ele quer que tire ele da cadeia.



UMA SIMPLES FOTO



Quanta folga

Segundo um levantamento feito pela empresa americana de consultoria Mercer, os países com mais feriados são Colômbia e Índia, com 18 cada um. No segundo lugar da lista, aparecem Tailândia, Líbano e Coreia do Sul, que possuem 16 dias de folga extra cada.

APLICATIVO SISTEMA FAEP

Acesse a *Play Store* ou a *Apple Store* e baixe o

APLICATIVO SISTEMA FAEP

- Muita informação do agronegócio e do Sistema FAEP/SENAR-PR
- Agendas de eventos e cursos do SENAR-PR
- Cotações das principais *commodities*
- Clima e muito mais!



app.sistemafaep.org.br

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

